

A intolerância religiosa e o desafio das Senhoras do Axé no Brasil

Janaina Couvo Teixeira Maia

Estamos no século XXI e ainda vivemos situações de violência para com os adeptos das religiões afro-brasileiras.

Mesmo diante de tantas lutas históricas, o povo negro ainda vivencia muitas violências, para manter suas crenças, costumes, culturas, suas próprias vidas, num sistema escravista que perdurou por séculos e que serviu como base para todo um comportamento racista, preconceituoso e intolerante, que está presente até o momento atual, na sociedade brasileira.

No que diz respeito ao universo da cultura afro-brasileira, no aspecto religioso, temos uma realidade muito preocupante, marcada pela presença da intolerância religiosa. É importante compreender que os terreiros de candomblé e umbanda são lugares sagrados, onde existe toda uma relação com a ancestralidade, contendo a presença de objetos e estruturas simbólicas de grande importância religiosa para a comunidade que compõe o espaço. Sendo assim, trata-se de um lugar onde o sagrado é reverenciado através de rituais públicos e privados, como também nas ações cotidianas.

As Senhoras do Axé, mulheres que assumem o lugar de guardiões dos rituais voltados aos Orixás, Voduns e Inkices, enfrentam situações cotidianamente, onde a intolerância religiosa e o preconceito são a constante ameaça. Expressar a sua fé através do uso de símbolos e vestimentas rituais colocam-nas em risco, além de resultar em posturas preconceituosas de parte da sociedade que não respeita a diversidade religiosa existente no país, e se acha no direito de utilizar da violência para atacar os que não seguem a sua fé.

Quando não sofrem no corpo a violência do racismo religioso, vivenciam situações de destruição dos seus espaços sagrados. Entre os que cultuam as divindades africanas, existe uma relação de respeito com a natureza, já que estas correspondem a suas variadas representações – águas doces e salgadas, matas, cachoeiras, a terra, as ervas – e toda ação destrutiva para com o meio ambiente reflete no sagrado destas religiões. Sendo assim, a destruição dos espaços sagrados, seja o meio ambiente ou os espaços de realizações de rituais, afetam não só as pessoas, os lugares, como também, a ancestralidade.

Em diversas regiões do Brasil, encontramos referências à destruição de terreiros. Vandalização dos lugares sagrados, destruição do patrimônio afro-religioso e também do

patrimônio particular de Sacerdotes e Sacerdotisas da religião, conhecidos como Ialorixás, Babalorixás, Mametos, Tatetos, a depender da tradição religiosa.

Existe um número considerável de mulheres que são responsáveis pela manutenção do axé do terreiro, pela vida religiosa de toda uma comunidade composta por inúmeras pessoas, que encontram neste lugar, o ponto de equilíbrio de sua vida espiritual e renovação de suas energias com seus ancestrais. Sendo assim, em muitas situações de violência a estes espaços, estas mulheres também são atingidas fisicamente, ou ameaçadas. Sofrem da violência que configura uma ação de intolerância ou racismo religioso.

Expressar a sua fé nos Orixás, Voduns e Inkices, como são chamadas as divindades africanas, dependendo da tradição, usando suas roupas brancas dia de sexta-feira, dia de Oxalá, seus fios de conta, isto é, colares com cores que identificam os orixás protetores, coloca os adeptos da umbanda e do candomblé em situações de risco, onde é possível que sofram agressões verbais ou até mesmo físicas. A realização de uma pesquisa semanal na internet, sobre intolerância religiosa para com os afro-religiosos no Brasil, apresenta uma diversidade de casos que acontecem com certa regularidade, mesmo diante da legislação que criminaliza estas práticas racistas.

Situações de humilhação, acusações, xingamentos, perseguições, entre tantas ações agressivas são vivenciadas cotidianamente por diversas pessoas que expressam suas crenças. Seja nas ruas, em espaços públicos, ou mesmo no ambiente de trabalho, ocorrem situações em que o racismo religioso acontece de forma explícita, sem o mínimo de constrangimento de quem o pratica, que em muitas situações, acreditam que não incorreram na prática de intolerância. Combater este tipo de violência é algo importante e necessário na sociedade brasileira, pois homens, mulheres e crianças são impedidos de expressar suas crenças em virtude de se colocarem em situação de vulnerabilidade diante de ataques violentos, que são expressões de intolerância religiosa.

Ações voltadas a combater estas práticas são de extrema importância. As religiões afro-brasileiras precisam ter seus espaços sagrados respeitados, assim como seus adeptos precisam ter o direito de expressarem sua fé sem serem ameaçados, ou estarem passíveis de agressão. O desenvolvimento dessas ações precisa acontecer de forma incisiva, seja em espaços de trabalho diversos, assim como em espaços educativos.

É importante ressaltar que, em janeiro de 2023, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou uma lei que equiparou o crime de injúria racial ao de racismo, e aumentou a penalidade sob a prática de intolerância religiosa no país. Um avanço

importante, voltado a combater o racismo religioso, algo que há tempos necessita de ações mais rígidas, um combate efetivo e sistemático a um crime que cresce no país, e que expõe pessoas à diferentes formas de violência, pelo fato de ter uma crença diferente.

Construir uma sociedade onde todos e todas possam expressar sua fé, sem medo ou ameaça, desenvolvendo o respeito à diversidade, é algo indispensável num país democrático, marcado pela diversidade e que respeita as diferenças. É um tema fundamental na formação cidadã no Brasil.